



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS SOUSA
CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALTERNATIVAS AGROECOLÓGICAS PARA JARDINS URBANOS:
Um relato de experiência

SOUSA - PB
2025

MIRTES LEITE DE LIMA ALVES

**ALTERNATIVAS AGROECOLÓGICAS PARA JARDINS URBANOS: Um relato de
experiência**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Tecnologia em Agroecologia do
Instituto Federal de Educação, Ciências e
Tecnologia da Paraíba – Campus Sousa, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Tecnólogo em Agroecologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Sc. Eliane Queiroga
de Oliveira.

SOUSA - PB

2025

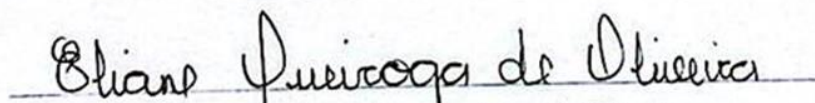
MIRTES LEITE DE LIMA ALVES

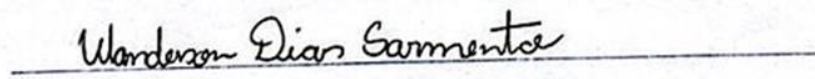
**ALTERNATIVAS AGROECOLÓGICAS PARA JARDINS URBANOS: Um relato de
experiência**

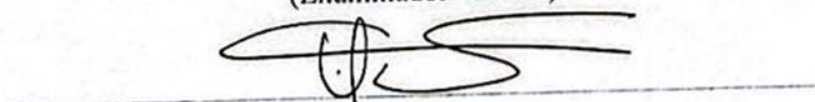
Trabalho de conclusão de curso apresentado, como
requisito para conclusão do Curso de Tecnologia
em Agroecologia do Instituto Federal de
Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba,
Campus Sousa - IFPB.

Sousa – PB, 26 de FEBREIRO de 2025.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª. Sc. Eliane Queiroga de Oliveira
(Orientadora)


Wanderson Dias Sarmento
(Examinador- UFCG)


Prof. Dr. Sc. Gilcean Silva Alves
(Examinador)

Este estudo é dedicado à minha Orientadora prof. Dr^a Eliane Queiroga de Oliveira pela paciência na orientação e incentivo, tornando possível a conclusão deste trabalho. E ao meu filho Diego (*In memoriam*), pela presença constante em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me iluminou durante essa jornada árdua, porém prazerosa.

Agradeço a minha orientadora Eliane Queiroga e ao meu amigo Wanderson Sarmento, pela oportunidade de me auxiliar e examinar este trabalho, deixando de viver seus momentos em família e amigos para dedicar-se ao meu TCC. Além de auxiliar com toda paciência com o computador meu maior desafio.

Agradeço ao professor Gilcean Alves, por compor a banca examinadora, e pelos valiosíssimos ensinamentos, assim também, como os demais professores aos quais tive o prazer de estudar ao longo desse período de formação.

Agradeço profundamente ao meu esposo Iramirton Alves que sempre incentivou e não me deixou desistir, acreditando na minha capacidade de chegar até o final, seu apoio foi essencial, muito obrigada.

Aos meus filhos Diego (*In memoriam*), Ítalo Leite e Igor Leite, e a Sthefeson Sula, Cícera Leite, Maria Tereza Leite e Eros Ferreira, por sempre estarem comigo, me auxiliando, apoiando ao longo dessa caminhada.

Por fim, declaro minha gratidão para com todos os professores e colegas de curso e as demais pessoas que contribuíram direto e indiretamente para meu desenvolvimento tanto pessoal quanto acadêmico, no decorrer desta jornada.

Obrigada a todos!

Como dizia Ana Primavesi:

*“Sem a natureza não existiríamos mais, ela é
a base da nossa vida!”*

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi relatar, de forma sistemática, a experiência de implantação de um jardim, em limite urbano e inserido no espaço doméstico, numa narrativa fidelizada pelas vivências pessoais e agregada a uma imersão a tudo que a Agroecologia pode proporcionar ao longo dos anos. Sabe-se que é fundamental adotar uma postura de preservação ambiental ao cultivar plantas em jardins públicos ou privados, o que inclui cuidados com o solo, escolha de espécies adequadas, rega e proteção contra pragas. Em muitos países em desenvolvimento, o cultivo de combinações harmônicas de plantas é preferido ao cultivo isolado, e é importante incluir espécies que atuem como sumidouros de carbono, especialmente em áreas urbanas. No Brasil, a degradação dos ecossistemas tem tornado áreas verdes em paisagens áridas, mas as plantas ainda oferecem alívio visual e mental, reduzindo a poluição sonora e revitalizando espaços esquecidos. Por isso, a valorização de áreas verdes e o cultivo de plantas são cada vez mais relevantes nas práticas terapêuticas. O estudo foi desenvolvido em uma residência no distrito de São Gonçalo, no sertão paraibano, analisando a flora local em um clima semiárido, caracterizado por chuvas irregulares e altas temperaturas. A área do jardim foi delimitada e as espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas foram catalogadas, organizadas em um quadro com nome científico, nome popular, família botânica e número de indivíduos. A análise revelou 368 indivíduos distribuídos em 56 famílias botânicas em uma área estimada em 367,56 m². As famílias mais representativas foram Asparagaceae (43 indivíduos), Cactaceae (34) e Araceae (33). A Crassulaceae teve 18 indivíduos, enquanto a Lamiaceae, com 6 espécies, foi a menos representativa, totalizando 9 indivíduos. A família Euphorbiaceae constituiu 34 indivíduos e a Commelinaceae, 7 espécies com 17 indivíduos. A vivência em um jardim agroecológico demonstra como promover sustentabilidade e diversidade biológica, integrando diferentes espécies em um sistema equilibrado. Jardins domésticos oferecem benefícios para o bem-estar e a biodiversidade, servindo como refúgios ecológicos. A escolha das plantas deve considerar luz e clima, permitindo a inclusão de espécies ornamentais e ervas medicinais. Métodos como jardins verticais, práticas sustentáveis e compostagem, tornam a jardinagem acessível e ajudam na preservação ambiental. Investir em áreas verdes em casa melhora a qualidade de vida e promove harmonia com a natureza, contribuindo para um futuro mais sustentável.

Palavras-chave: paisagismo; plantas ornamentais; sustentabilidade.

ABSTRACT

The objective of this work was to report, in a systematic way, the experience of implementing a garden, in an urban limit and inserted in the domestic space, in a narrative faithful to personal experiences and added to an immersion in everything that Agroecology can provide over the years. It is known that it is essential to adopt an environmental preservation posture when growing plants in public or private gardens, which includes soil care, choice of suitable species, watering, and protection against pests. In many developing countries, the cultivation of harmonic combinations of plants is preferred to isolated cultivation, and it is important to include species that act as carbon sinks, especially in urban areas. In Brazil, the degradation of ecosystems has turned green areas into arid landscapes, but plants still offer visual and mental relief, reducing noise pollution and revitalizing forgotten spaces. Therefore, the valorization of green areas and the cultivation of plants are increasingly relevant in therapeutic practices. The study was developed in a residence in the district of São Gonçalo, in the Paraíba hinterland, analyzing the local flora in a semi-arid climate, characterized by irregular rainfall and high temperatures. The garden area was delimited and the herbaceous, shrub and tree species were cataloged, organized in a table with scientific name, popular name, botanical family and number of individuals. The analysis revealed 368 individuals distributed in 56 botanical families in an estimated area of 367.56 m². The most representative families were Asparagaceae (43 individuals), Cactaceae (34) and Araceae (33). The Crassulaceae had 18 individuals, while the Lamiaceae, with 6 species, was the least representative, totaling 9 individuals. The Euphorbiaceae family constituted 34 individuals and the Commelinaceae, 7 species with 17 individuals. Living in an agroecological garden demonstrates how to promote sustainability and biological diversity, integrating different species into a balanced system. Home gardens offer benefits for well-being and biodiversity, serving as ecological refuges. The choice of plants should consider light and climate, allowing the inclusion of ornamental species and medicinal herbs. Methods such as vertical gardens, sustainable practices, and composting make gardening accessible and help with environmental preservation. Investing in green areas at home improves the quality of life and promotes harmony with nature, contributing to a more sustainable future.

Keywords: landscaping; ornamental plants; sustainability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Página
Figura 1 – Localização do Perímetro Irrigado de São Gonçalo	22

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1 - Classificação das Plantas	25

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1 - Famílias botânicas, diversidade de espécies e indivíduos	33

SUMÁRIO

	Página
1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 A EVOLUÇÃO DOS JARDINS EM UM BREVE HISTÓRICO	15
2.2 JARDINAGEM X PAISAGISMO	16
2.3 POR QUE PLANTAR É ESSENCIAL?	17
2.4 PAISAGISMO SUSTENTÁVEL	19
3 MATÉRIAS E MÉTODOS	21
3.1 CLASSIFICAÇÃO DO ESTUDO	21
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA	21
3.3 METODOLOGIA DO ESTUDO	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4.1 RELATO DE VIVÊNCIA	23
4.2 LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DA ÁREA DE ESTUDO	24
5 CONCLUSÕES	35
REFERÊNCIAS	36
ANEXO	39

1 INTRODUÇÃO

A essência de semear é bíblica, pois colhe-se tudo que se planta. Assim como na agricultura tradicional, quando plantas são compostas em jardins, sejam eles espaços públicos ou em recintos domésticos, faz-se necessário mudanças de postura, com noções de preservação ambiental, além de um conjunto de práticas como cuidados com o solo, escolha das espécies adequadas ou adaptadas ao ambiente, rega das plantas, a condução do crescimento, proteção contra pragas e doenças.

As plantas, entre tantos benefícios, auxiliam na proteção do solo, evitando erosão e deslizamento de terra, são úteis na composição do ar puro e contribuem para o equilíbrio do clima no planeta. Elas são de fundamental importância em diversos aspectos da existência humana, pois desenvolvem uma capacidade de percepção do mundo ao redor com mais leveza, abrangendo as dimensões biológica, psicológica e sociocultural. Elas também configuram uma espécie de portal de equilíbrio e inspiração à humanidade, na busca por resistência e resiliência, mesmo em se tratando daquelas plantas com seus espinhos como forma de defesa ou de sobrevivência (Lins e Costa Neto, 2022).

Em muitos lugares do mundo, particularmente nos países em desenvolvimento, plantam-se em combinações harmônicas e interespecíficas, em detrimento ao plantio isolado de espécies ou extensões de vazio absoluto de uma flora local. Os ecossistemas naturais têm vários graus de resiliência e estabilidade e estes não são estritamente determinados por fatores ambientais ou bióticos (Altieri, 2002). Nessa perspectiva, precisa-se ter consciência também da necessidade de cultivar espécies vegetais para atuarem como sumidouros de carbono, oxigenando melhor os ambientes urbanos principalmente.

O Brasil é um país que dispõe de uma variedade de ecossistemas incomparavelmente rico, no entanto, a degradação dos ambientes naturais para finalidades diversas e a ação danosa do homem têm “pichado o mapa de cinza escuro” e tornado áridas e estéreis as áreas verdes, desconfigurando e empobrecendo os biomas.

Mediante o “caos” progressivo que se instala nos grandes centros urbanos, o verde das plantas traz um bálsamo para os olhos e para a mente daqueles que ali habitam. Além disso, elas minimizam a poluição sonora e melhoram a panorâmica dos espaços confinados por concreto, projetam vida às favelas esquecidas pela gestão pública. Por tantos benefícios, a adesão por áreas verdes e o hábito de cultivar plantas em pequenas extensões têm conquistado espaço gradativo nas ações terapêuticas, pensando em uma reconfiguração do conceito convencional de cuidados com a vida, como um sistema complexo e dinâmico.

Este trabalho propõe-se a relatar, de forma sistemática, a experiência de implantação de um jardim, em limite urbano e inserido no espaço doméstico, numa narrativa fidelizada pelas vivências pessoais e agregada a uma imersão a tudo que a Agroecologia pode proporcionar ao longo dos anos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A EVOLUÇÃO DOS JARDINS EM UM BREVE HISTÓRICO

A relação do ser humano com a jardinagem é datada desde a pré-história, estando ela presente em todo o período da evolução, em todos os povos e com finalidades diversas. O que anteriormente se resumia a uma prática agrícola voltada para a alimentação das famílias, agora se transforma em algo mais abrangente, proporcionando conforto térmico, criando áreas de lazer, cultivo e preservação de espécies e em alguns lugares resultando em autênticas obras de arte (Stringheta e Coelho, 2014).

Segundo Marschall (2021), o Egito, a Mesopotâmia e a Pérsia são consideradas como as mais antigas civilizações de que se tem conhecimento sobre a existência dessa forma de cultivo. Os espaços verdes do antigo Egito reproduziam o sistema de irrigação utilizado na agricultura, tendo como função primeira amenizar o calor implacável das residências, assim também, como um lugar destinado ao descanso, aos passeios e onde eram feitas refeições, por serem um ambiente agradável.

Já na Mesopotâmia os jardins eram plantados sobre os terraços dos prédios de vários pavimentos e estritamente utilitário com caráter religioso. Nos jardins dos templos se plantavam frutas e legumes para se oferecer aos deuses em rituais, além de servirem como alimento para os serviçais, sendo Jardins Suspensos da Babilônia mais famosos da Antiguidade e considerados uma das Sete Maravilhas do mundo antigo (Stringheta e Coelho, 2014).

Os jardins persas, que remontam a 3500 a.C., destacavam-se pela perfeita harmonia entre as plantações, o adequado espaçamento das árvores e a deleitosa presença de perfumes sutis, de animais soltos que viviam em bosques, canais, monumentos e canteiros, formando uma espécie de paraíso, dando a esses jardins um estilo estritamente formal e sendo localizados próximos aos palácios reais. Tudo isso visava atender às expectativas dos reis da época (Murta, 2011).

De acordo com Loboda e Angelis (2005), a China, frequentemente vista como a "terra natal" dos jardins naturalistas, é renomada por seus jardins de caráter religioso, que incorporam diversos elementos naturais. Esses jardins exercem uma influência significativa sobre os japoneses, que adotam o estilo das cortes chinesas. O significado espiritual, religioso e cultural atribuído aos jardins confere a cada um de seus componentes um simbolismo

específico. Assim, a presença de pedras, água, pontes, lamparinas e outros elementos torna-se quase um requisito indispensável.

Durante o Renascimento, a jardinagem começou a ser desenvolvida em harmonia com a arquitetura. O foco passou a ser a busca por refinamentos estéticos, com elementos de ornamentação artificial, em uma variedade de formas ricas e diversas, que criam um espaço de grande valor artístico (De Angelis, 2000).

Esse movimento cultural e artístico também exerceu influência nos jardins, manifestando-se de maneira mais sutil na Itália e na França, onde o estilo italiano foi marcado pela adaptação dos jardins à topografia do terreno, originando assim o surgimento de desníveis e terraços interligados por rampas e escadarias, que integram facilmente com a arquitetura. Já os jardins franceses, geralmente maiores em extensão, buscam a concepção cenográfica em grande escala levando ao surgimento das áreas verdes como praças e parques abertos à população (Loboda e Angelis, 2005).

Reis Filho (1968), afirma que no Brasil a presença de praças e largos vem de longa data, remontando aos primeiros séculos da colonização, sendo registrada no estado de Pernambuco a mais antiga manifestação em termos de paisagismo do país, ocorrida na primeira metade do século XVII, graças ao Príncipe Maurício de Nassau, durante a ocupação holandesa daquela região no Nordeste.

Ao longo da história o papel desempenhado pelos espaços verdes nas regiões urbanas tem sido uma consequência das necessidades vivenciadas em cada momento, ao mesmo tempo em que é um reflexo dos gostos e costumes e tradições da sociedade, sendo moldados de acordo com o desenvolvimento das civilizações e têm a função de proporcionar lazer e bem-estar, assim também, como melhorar a qualidade de vida das pessoas que residem nesses ambientes (Scherer e Ferreira, 2024).

2.2 JARDINAGEM X PAISAGISMO

Em dimensões conceituais, quando se distinguem e onde se confundem ‘jardinagem’ e ‘paisagismo’? Investigando-se o tema, encontra-se uma vasta produção literária nas últimas décadas, observando-se uma lista de teses e dissertações, artigos científicos, além de livros que trazem uma abordagem eclética aos termos, cujas pesquisas e autores dedicam-se ao estudo do paisagismo, e particularmente dos jardins (Lorenzi et al., 2022). Além disso, há uma riqueza de publicações independentes como catálogos, revistas semanais, jornais e sites especializados. Embora estes possam não ter a força teórica suficiente para lidar com o

assunto em profundidade, eles oferecem aos leitores a oportunidade de ampliar a rede de conhecimento e o estímulo à prática e ao cultivo de plantas.

No Brasil, os estudos sobre jardins são desenvolvidos por muitos nichos acadêmicos, cujas contribuições inconfundíveis justificam seu potencial temático e escopo teórico-conceitual e oferecem caminhos metodológicos que estimulam a formação de sua própria epistemologia. Naturalmente, os trabalhos que investigam diretamente este assunto não envolvem todos a mesma abordagem. Isso se deve à gama de disciplinas que permeiam o tema.

Alguns lidam com a ideia do jardim diretamente, outros indiretamente usando os instrumentos teóricos e metodológicos oferecidos pelos campos da história da arte, agronomia, geografia, história, arquitetura e filosofia, entre outros. Estes sem dúvida contribuem para ampliar o assunto – apesar das suspeitas de que não fornecem o ímpeto que poderia levar à autonomia deste campo, onde o conceito de jardim poderia ser tratado no sentido mais estrito do termo (Andrade e Terra, 2016).

É difícil desenvolver uma historiografia e uma definição completa sobre jardins, jardinagem e paisagismo. Muita coisa ainda é empírica. Nos últimos anos, juntamente com estudos sobre a paisagem como um tema separado, os jardins assumiram outra dimensão. A pesquisa nesta área é agora de fundamental importância para entender a história e a organização das cidades com espaços de áreas verdes públicas, considerando que a modernidade do concreto tem inserido progressivamente os cidadãos em confinamentos cada vez mais reduzidos (Lorenzi, 2022). Além disso, deve-se destacar também a criação dos “jardins de chuva”, os quais seriam áreas verdes e cujo pressuposto para sua permanência nas zonas urbanas seja o escoamento das águas pluviais, mediante os extremos climáticos e o aquecimento global.

2.3 POR QUE PLANTAR É ESSENCIAL ?

Esse questionamento pode ser analisado em dois aspectos: biológico e sociocultural. No primeiro, há de se considerar que as plantas são organismos autótrofos fotossintetizantes, geradores e depositários de oxigênio atmosférico, nutrientes orgânicos, fibras, combustíveis e remédios que asseguram a existência dos seres humanos e muitas outras formas de vida. Elas também são essenciais para o controle da temperatura da Terra e o equilíbrio e dinâmica da água no planeta. No contexto sociocultural, estima-se que a humanidade passou a cultivar plantas há cerca de 12 mil anos para finalidades diversas, especialmente para a obtenção de

alimento e matéria-prima, o que permitiu o desenvolvimento de civilizações e a formação de comunidades (Gil *et al.*, 2019).

As plantas, estejam elas fixadas ao solo ou em vasos, incorporadas a outros elementos das paisagens urbanas, ajudam a formar um ambiente mais integrado à natureza, a deixar um pouco de verde nos espaços dentro das casas e a proporcionar bem-estar aos moradores. Além de contribuírem para a estética dos ambientes, as plantas também melhoram a qualidade do ar, ajudam a regular a umidade e podem até mesmo reduzir o estresse e a ansiedade. Seja em pequenos vasos, jardins verticais ou grandes áreas verdes, a presença de plantas traz mais vida e harmonia aos espaços, conectando as pessoas à natureza no dia a dia, (Bringslimark; Hartig e Patil 2009).

Espécies vegetais, sejam árvores, arbustos ou ervas, fornecem uma gama de substâncias e princípios ativos que servem de base para a produção de remédios e infusões. É possível ainda usufruir de suas flores, sementes, frutos, cascas, látex e madeira. As plantas servem também como fonte de alimento para a humanidade e todos os outros animais. Elas representam o habitat natural de inúmeras espécies de animais, em todos os tipos de biomas. Convém destacar ainda o poder de melhorar a umidade do ar, pois liberam vapor de água durante a transpiração e filtram os poluentes do ambiente.

Diferentemente do que aconteceu com os animais, nas plantas o processo evolutivo não levou à formação de músculos e órgãos dos sentidos e de corpo compacto, pois elas não dependem do movimento para absorver seus nutrientes e sua fonte de energia (Pereira e Coimbra, 2019). Além disso, é vantajoso para as plantas ter um corpo com grande superfície relativa, que permite a absorção desses nutrientes e de energia.

As plantas possuem um grande poder de despertar no ser humano a sua criatividade adormecida ou latente, trazendo aprendizados únicos e pessoais (Villalta, 2017). Essa experiência inclui a utilização de técnicas e noções para se usufruir o máximo das plantas, transformando o lugar habitado, não apenas pelo que se cultiva, mas criando um ambiente que expressa a personalidade e o estilo de vida de quem o faz. A expressão da criatividade encontra um papel fundamental no cultivo de plantas, pois possibilita experimentar diferentes combinações de espécies, de cores e aparências, tendo oportunidade de tornar-se um cenário monocromático em um ambiente agradável, colorido e alegre. A oportunidade de compor e o privilégio de se perceber incluso nos jardins e em espaços verdes, torna o indivíduo mais inspirado, sereno e em equilíbrio.

A natureza é uma fonte infinita de estímulos para quem almeja cultivar pequenos exemplares de vida verde ou grandes espaços de oxigenação. Refletir como as plantas se

desenvolvem em seu habitat natural pode proporcionar infinitas combinações de arranjos de variadas espécies. Para tanto pode desenvolver uma capacidade de concentração, influenciando positivamente o estado mental, acalmando a mente, trazendo bem estar.

Aproveitar os espaços de casa com plantas é uma excelente opção, além de tornar esses ambientes mais acolhedores, afinal, as plantas ajudam a deixar o clima ameno e tornam os espaços mais acolhedores.

Conforme os especialistas, é importante construir lembranças que irão gerar futuramente memórias afetivas, pois estas garantirão um crescimento emocional saudável. Dessa forma, preservam-se os registros familiares e as relações interpessoais e as memórias permanecem vivas, como um elo com as pessoas que fizeram parte da história e do curso das nossas vidas, contribuindo de alguma forma para sermos quem somos.

2.4 PAISAGISMO SUSTENTÁVEL

O paisagismo, conforme Limberger e Santos (2000), é tanto uma ciência quanto uma arte que se dedica ao ordenamento do espaço exterior, levando em conta as necessidades e desejos estéticos do ser humano, e proporcionando uma rica experiência perceptual. A palavra "paisagem" remete ao estilo de pintura do Renascimento na Holanda, no século XVI, e no Brasil, essa prática começou a ser utilizada desde a época da família real portuguesa, no início do século XIX, diversificando-se ao longo dos anos (Saraiva, 2015).

Com a crescente demanda por áreas verdes, o paisagismo se torna ainda mais relevante nos projetos de urbanização, que buscam um crescimento sustentável nas cidades. A urbanização, especialmente nas grandes metrópoles, tem levado à redução das áreas verdes, o que faz com que as plantas ornamentais sejam cultivadas em ambientes externos, como quintais e terraços, ou internos, em espaços conhecidos como Urban Jungles. Este estilo de decoração integra plantas e elementos naturais ao interior dos ambientes (Brainer, 2019).

As plantas tidas como ornamentais não são apenas estéticas; elas também têm a capacidade de promover bem-estar e lazer, pois a interação com paisagens naturais proporciona relaxamento e tranquilidade (Fagerholm *et al.*, 2016). Esses espaços verdes oferecem um equilíbrio, permitindo que as pessoas reconheçam a importância da natureza em suas vidas, promovendo um reencontro harmônico com o meio ambiente e podendo adequá-los às suas necessidades.

O paisagismo sustentável é um conceito que abrange a implantação de plantas ornamentais e espécies com propriedades medicinais, nutricionais e ecológicas, visando o consumo humano e a preservação da fauna silvestre, sem comprometer a estética do ambiente. Esse estilo pode ser aplicado em diferentes escalas: micro paisagismo em jardins residenciais e macro paisagismo como estratégia de desenvolvimento urbano. (Alencar e Cardoso, 2015; Muller, 2020).

Ambas as abordagens podem incorporar práticas agroecológicas, que promovem ações sustentáveis respeitando o meio ambiente e a biodiversidade, como por exemplos incluir jardins verticais, telhados verdes, calçadas sustentáveis e arborização urbana. Essas soluções não apenas embelezam os ambientes, mas também desempenham um papel ambiental significativo, melhorando a qualidade do lugar, reduzindo a temperatura e as ilhas de calor, aumentando a drenagem das águas pluviais e conservando a biodiversidade (Gengo e Henkes, 2012).

Além disso, a implementação de hortaliças, frutas e plantas medicinais em ambientes públicos, como as escolas, permite que os professores trabalhem a interdisciplinaridade, relacionando disciplinas básicas com a preservação ambiental por meio de atividades práticas. Dessa forma, é possível ensinar diferentes conceitos sobre sustentabilidade, relações ecológicas, nutrição, entre outros.

Portanto, o paisagismo sustentável se apresenta como uma alternativa viável sob diversas perspectivas: ambiental, econômica, social e nutricional. A adoção de espécies nativas para reabilitar o ambiente natural e a inclusão de plantas com valor alimentar e medicinal nos jardins enriquecem a estética do espaço e promovem uma alimentação saudável, além de fomentar a interação ecológica e social. Essa abordagem busca proporcionar uma melhor qualidade de vida em meio à urbanização dos grandes centros (Alencar e Cardoso, 2015).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 CLASSIFICAÇÃO DO ESTUDO

Quanto à natureza do trabalho, trata-se de um estudo básico, um relato de experiência cuja intenção é formalizar o conhecimento e a prática adquirida sobre a vivência da jardinagem numa perspectiva agroecológica. Nesse contexto, a proposta do estudo caracteriza-se como sendo do tipo qualiquantitativo, pois visa a compreensão do conjunto das práticas e vivências envolvidas. No que diz respeito aos procedimentos da pesquisa caracteriza-se como um relato de caso, uma vez que apresenta uma manifestação escrita das experiências vivida e que pode auxiliar na geração de conhecimentos de diversas pessoas sobre a temática.

Segundo Mussi (2021), os relatos de experiência reconhecem a relevância do debate em torno do saber dentro de um ambiente acadêmico, que busca, além de narrar a experiência vivida (experiência próxima), valorizá-la através de um esforço científico explicativo, utilizando uma abordagem crítica e reflexiva, sustentada por fundamentos teóricos e metodológicos (experiência distante).

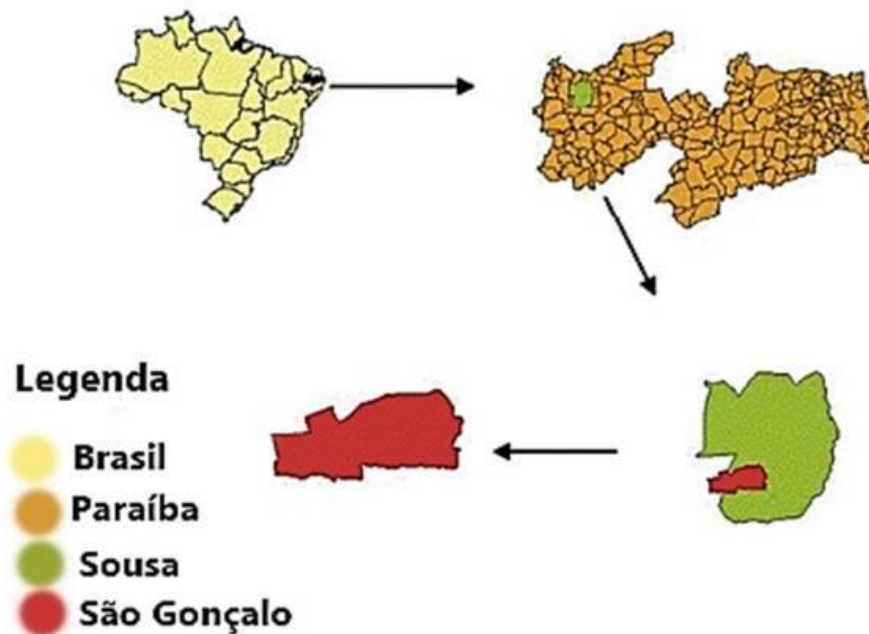
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

A área do estudo está localizada em uma residência particular, com uma dimensão estimada de 367,56 m², estando situada no sertão paraibano, distrito de São Gonçalo, há 15,6 km da direção sul do município de Sousa-PB próxima ao vale do rio Piranhas (Pereira, 2021). Com uma economia voltada principalmente para culturas irrigáveis, como banana e coco, São Gonçalo é uma das principais atrações turísticas do estado. Além do açude São Gonçalo, destacam-se a gruta Nossa Senhora de Lourdes, que atrai uma grande quantidade de fiéis anualmente, e o túnel das Tamarineiras.

O clima de São Gonçalo (Figura 1), é classificado como semiárido (Bsh segundo a classificação de Köppen-Geiger), com uma distribuição das chuvas que é irregular tanto espacial quanto temporalmente. Além de ser marcado pela escassez hídrica na maior parte do ano, com altas temperaturas e consideráveis índices de evaporação, a precipitação anual gira em torno de 800 mm, com a maior parte das chuvas ocorrendo entre os meses de janeiro e abril, seguidas de um período de estiagem predominante no restante do ano. As temperaturas variam entre 25° e 38°, e a umidade relativa do ar é de 64%. O solo é classificado como

Neossolo Flúvico, enquanto o relevo é predominantemente plano e suavemente ondulado, com uma altitude média de 235 metros acima do nível do mar (Araújo, 2015).

Figura 1- Localização do Perímetro Irrigado de São Gonçalo.



Fonte: Adaptado de Neto *et al.*, 2012.

3.3 METODOLOGIA DO ESTUDO

O trabalho foi iniciado em agosto de 2024, com a delimitação da área do jardim, utilizando-se uma trena eletrônica do tipo CP-3007 Ultrasonic. Em seguida, realizou-se o levantamento de todas as plantas presentes no espaço (considerando-se as de porte herbáceo, arbustivo e arbóreo), onde foram reconhecidas, identificadas e catalogadas.

O reconhecimento das plantas e a identificação das espécies botânicas foi realizada por método comparativo, utilizando fontes literárias como suporte de caracterização.

Após a coleta dessas informações, foi realizada a tabulação, uma metodologia que organiza os dados para facilitar sua visualização. O quadro foi composto por quatro colunas: nome científico, nome popular, família botânica e número de indivíduos. Essa estrutura permite a síntese dos dados coletados, facilitando assim a análise e interpretação dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RELATO DE VIVÊNCIA

O espaço que hoje configura o jardim surgiu em 1998, com o propósito de plantar uma árvore como marco simbólico ao nascimento de cada filho. Assim feito, adquiriu-se três mudas: dois Flamboyants e uma Craibeira. Meses depois, obteve-se outras espécies ornamentais, frutíferas e medicinais. O jardim nasceu junto à gestação de cada filho, além de combinar beleza e conforto à casa, deixando-a mais aconchegante e proporcionando uma melhor conexão com a essência do universo vivo.

É pertinente mencionar a satisfação em ter um pedacinho da floresta ao alcance das mãos, num limite chamado de jardim. Esse privilégio faz toda diferença no bem-estar das pessoas que ali habitam, trazendo relaxamento e paz. Nesse jardim, cada cantinho tem sua importância, trazendo alegria e atraindo animais, construindo seus ninhos e se reproduzindo. Através desse ambiente, fortalecem-se os vínculos familiares, criam-se laços de amizade com pessoas vizinhas, curiosos que ali transitam, fazendo trocas de mudas, na tentativa de ampliar a diversidade da flora local. Além disso, é possível instigar a todos o senso de responsabilidade e os cuidados com o meio ambiente, criando memórias duradouras é um legado de amor pela natureza.

Para tanto, manter esse cenário, onde a jardinagem ganha vida e endereço fixo, requer empenho diário na sua manutenção (irrigação, adubação, podas de limpeza e controle fitossanitário) e gastos mensais (reciclagem de vasos, aquisição de instrumentos e mudas). No entanto, é recompensado com a paisagem que se consolida dentro e ao redor da residência, confinada ao meio urbano e constituindo uma pequena faixa verde nos confins do semiárido nordestino.

Em 2020, quando o mundo foi surpreendido e parou por causa da COVID-19, a necessidade do confinamento potencializou a dedicação ao cultivo de plantas em interiores e, a consolidação do jardim em estudo se confirmou. O convívio com plantas melhorou a qualidade de vida em família, adquiriu condição de atividade terapêutica, diminuindo o estresse emocional provocado pelo isolamento da pandemia. De lá até então, o jardim ganhou posição de excelência, com papel de tratamento e cura, com significado “sagrado” de reflexão e relaxamento. Com efeito, quem cultiva um jardim se sente um pouco botânico, artista-cientista e amigo da natureza.

É importante ressaltar que, antes da inserção na Agroecologia, o jardim em estudo já contava com práticas ambientais de grande relevância. O uso de adubos naturais, por exemplo, era adotado de maneira empírica, uma tradição herdada dos antepassados, com resgate de memórias maternas onde se utilizava o esterco bovino nas “plantinhas”, sem compreender exatamente sua composição e benefícios. Além disso, materiais como latas, embalagens plásticas e pneus eram reaproveitados, transformando resíduos em recursos valiosos para o cultivo.

Com o aprendizado proporcionado pelo curso de Agroecologia, as práticas foram aprimoradas com embasamento técnico, apropriando-se dos benefícios dessas ações para o meio ambiente. Um jardim desse tipo vai além da estética, ele representa um sistema que interage de forma equilibrada com a natureza respeitando os ciclos naturais, incentivando a biodiversidade e aplicando métodos sustentáveis, como o uso de bioinsumos no controle de pragas e doenças.

O jardim analisado não tem apenas um propósito ornamental, cada uma das espécies desempenham um papel essencial na construção de um ambiente no qual todas convivem de maneira harmônica. Dessa forma, o espaço deixa de ser apenas um passatempo e se transforma em um compromisso com um futuro mais sustentável, servindo como inspiração para a recuperação dos ecossistemas e a conscientização ambiental.

4.2 LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DA ÁREA DE ESTUDO

O quadro 1, apresenta a relação de plantas identificadas na área de estudo, incluindo seus nomes científicos, nomes populares, famílias e o número de indivíduos de cada espécie. O reconhecimento das plantas e a identificação das espécies botânicas foi realizada por método comparativo, utilizando fontes literárias (Romahn, 2007; Lorenzi e Souza, 2008; Batista *et al.*, 2018; Lorenzi, Olsthoorn, Costa, 2019; Lorenzi, 2022; Lorenzi, *et al.*, 2022) como suporte de caracterização. Este levantamento foi fundamental para a observação da biodiversidade e da riqueza botânica que foi se estabelecendo no jardim.

As plantas listadas foram classificadas em diversas categorias, desde espécies ornamentais, aromáticas, medicinais e frutíferas. A diversidade de famílias botânicas, como Araceae, Asparagaceae e Cactaceae, demonstra a variedade de adaptações e características que cada grupo apresenta.

Quadro 1 - Classificação das Plantas

Nº	Nome científico	Nome popular	Família botânica	Quantidade exemplares
01	<i>Epipremnum aureum</i> G.S. Bunting	Jiboia verde	Araceae	1
02	<i>Asparagus densiflorus</i> ‘Sprengeri’ (Kunth) Jessop	Aspargo alfinete	Asparagaceae	1
03	<i>Bougainvillea spectabilis</i>	Buganville	Nyctaginaceae	2
04	<i>Bougainvillea globra</i> ‘graciliflora’	Buganville	Nyctaginaceae	18
05	<i>Polyscias fruticosa</i> Lam.	Árvore-de-felicidade	Araliaceae	1
06	<i>Aloe aristata</i> Haw	Rabo-de-tatu	Asphodelaceae	3
07	<i>Polyscias cumingiana</i> (C. Presl) Fren - Vill	Arália-samambaia	Araliaceae	1
08	<i>Plumeria rubra</i>	Jasmim-manga	Apocynaceae	4
09	<i>Aloe vera</i> (L) Burm.f.	Babosa	Asphodelaceae	3
10	<i>Bryophyllum daigremontianum</i> (Rayam. – Hamet & H. Perrier) A. Berger	Aranto	Crussulaceae	1
11	<i>Eugenia uniflora</i> Lam	Pitanga	Myrtaceae	1
12	<i>Curcuma longa</i>	Açafrão	Zingiberaceae	1
13	<i>Euphorbia tirucalli</i> Lam	Avelós	Euphorbiaceae	1
14	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> <i>cambess.</i>	Folha-da-fortuna	Crassulaceae	1
15	<i>Ocimum campechianum</i> mil.	Alfavaca-de-jardim	Lamiaceae	1
16	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Hortelã-da-folha-grossa	Lamiaceae	1
17	<i>Rosmarinus officinalis</i> Lam	Alecrim	Lamiaceae	1
18	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Zingiberaceae	1
19	<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	Myrtaceae	1
20	<i>Veitchia merrillii</i>	Palmeira-de-natal	Aceraceae	3
21	<i>Punica granatum</i>	Romã	Lythraceae	1
22	<i>Citrus deliciosa</i>	Mixirica	Rutaceae	1
23	<i>Citrus aurantifolia</i>	Limão-galego	Rutaceae	1
24	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth & Hook. F. ex S. Moore	Craibeira	Bignoniaceae	1
25	<i>Ixora coccinea</i> Lam	Ixora-rei	Rubiaceae	11
26	<i>Ixora coccinea</i> ‘Compacta’	Ixora	Rubiaceae	11

27	<i>Ixora undulata</i>	Ixora-rosa	Rubiaceae	1
28	<i>Cleistocactus Winteri</i>	Cacto-rabo-de-macaco	Cactaceae	1
29	<i>Nephrolepis exalta</i> Lam 'Verona'	Samambaia-cabelo-de-anjo	Nephrolepidaceae	1
30	<i>N. exalta</i> Lam 'Bostaniensis'	Samambaia-espada	Nephrolepidaceae	1
31	<i>N. exalta</i> Lam 'Hillii'	Samambaia-hili	Nephrolepidaceae	1
32	<i>Nephrolepis</i> 'Holandesa'	Samambaia - holandesa	Nephrolepidaceae	1
33	<i>Aglaonema commutatum</i> <i>Schat White</i> 'Rajah'	Café-de-salão-folioso	Araceae	2
34	<i>Aglaonema</i> 'Siam Aurora'	Café-de-salão-vermelho	Araceae	1
35	<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent	Tinhorão	Araceae	2
36	<i>Caladium humboldtii</i> (Raf.) Schott	Tajá-miúdo	Araceae	1
37	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull. 'Tropic Snow'	Comigo-ninguém-pode	Araceae	2
38	<i>Epipremnum aureum</i> (Lindem & André) G S Bunting 'Aureum'	Jiboia-dourada	Araceae	9
39	<i>Epipremnum aureum</i> (Lindem & André) G S Bunting 'Nyoy'	Jiboia-branca	Araceae	1
40	<i>Monstera adansonii</i> Schott	Imbé-furado	Araceae	1
41	<i>Philodendron appendiculatum</i> Nadruz & Mayo	Imbé-trepador	Araceae	1
42	<i>Spathiphyllum phrynifolium</i> Schott 'Sensation'	Lírio-da-paz	Araceae	1
43	<i>Syngonium angustatum</i> 'White Butterfly'	Singonio – marmorizado	Araceae	1
44	<i>Zamioculcas zamiifolia</i> (Lodd) Engl.	Zamioculca	Araceae	2
45	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth) Jesso p	Melindre	Asparagaceae	1
46	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb) Jacques 'Bonnie'	Planta aranha	Asparagaceae	1
47	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb) Jacques 'Variegata'	Gravatinha	Asparagaceae	1
48	<i>Dracena fragrans</i> Lam Ker	Dracena-dourada	Asparagaceae	1

	Gawl. ‘Lemon Lime’			
49	<i>Neoregelia farinosa</i> (Ule)L. B. Sm	Bromélia bola-de- fogo	Bromeliaceae	1
50	<i>Selenicereus anthonyanus</i> (Alexandre)D. R. Hunt	Cacto-sianinha	Cactaceae	1
51	<i>Callisia fragrans</i> (Lindl.) Woodson	Suspiro	Commelinaceae	1
52	<i>Callisia repens</i> (Jac) Lam	Dinheiro-em- penca	Commelinaceae	2
53	<i>Tradescantia ambigua</i> Mart ex Schult. & Schult. F.	Tostão-esmeralda	Commelinaceae	2
54	<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D. R. Hunt, ‘Purpúrea’	Coração-roxo	Commelinaceae	1
55	<i>Tradescantia spathacea</i> SW. ‘Hawaian DW arf’	Cordoban-rosa	Commelinaceae	1
56	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh, ex Bosse	Trapoceraba-roxa	Commelinaceae	1
57	<i>Tradescantia sillamontana</i> Matuda	Trapoceraba-lanosa	Commelinaceae	2
58	<i>Graptopetalum macdougallii</i> Alexander	Mini-roseta	Crassulaceae	1
59	<i>Graptopetalum</i> <i>paraguayense</i> (N. E. Br.) E. Walther	Planta-fantasma	Crassulaceae	2
60	<i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst ‘Black’	Planta-tapete	Gesneriaceae	1
61	<i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst ‘Chocolate Pinck’	Lacinho-de-amor	Gesneriaceae	1
62	<i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst ‘Tropica Topaz’	Violeta-amarela	Gesneriaceae	1
63	<i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst ‘White Green’	Violeta-vermelha	Gesneriaceae	1
64	<i>Plectranthus verticillatus</i> (L. f.) Druce	Hera-sueca	Lamiaceae	2
65	<i>Oxalis Triangularis</i> A. st. – Hil ‘Purourascens’	Trevo-roxo	Lamiaceae	1
66	<i>Peperomia serpens</i> (SW) Loudan	Peperômia- filodendro	Piperaceae	1
67	<i>Pellionia repens</i> (Lour.) Merr. ‘Variegata’	Peliônia-cetim	Urticaceae	1
68	<i>Pilea microphylla</i> Lam Liebm	Brilhantina	Urticaceae	1
69	<i>Soleirolia soleirolii</i> (Req)	Lagrima-de-bebê	Urticaceae	1

	Dandy			
70	<i>Begonia x erythophylla</i> <i>Hérincq</i>	Planta-bife	Begoniaceae	2
71	<i>Sedum 'Vanessa'</i>	Dedinho-de-bebê	Crassulaceae	1
72	<i>Goeppertia majestica</i> (Linden) Borchs & S. Suárez <i>Rosea-lineata</i>	Jacundá	Marantaceae	1
73	<i>Cycas thouarsii</i> Gaudich	Cica	Cycadaceae	1
74	<i>Asystasia gangetica</i> Lam T. Anderson 'Variegata'	Coromandel- variegado	Acanthaceae	1
75	<i>Asystasia gangetica</i> Lam T. Anderson 'Variegata <i>Reticulata'</i>	Coromandel- rendado	Acanthaceae	2
76	<i>Ruellia simplex</i> C. Wright 'Katie'	Ruélia-anã	Acanthaceae	1
77	<i>Ruellia simplex</i> C. Wright 'Purples showers'	Ruélia-chuveiro	Acanthaceae	2
78	<i>Hippeastrum puniceum</i> Lam Kuntze	Amarílis	Amaryllidaceae	5
79	<i>Hymenocallis caribaea</i> Lam Herb.	Lírio-aranha	Amaryllidaceae	1
80	<i>Scadoxus multiflorus</i> (Martun) raf.	Lírio-sagu-salmão	Amaryllidaceae	1
81	<i>Zephyranthes robusta</i> (Herb. Ex SW eet)	Lírio-do-Zéfiro	Amaryllidaceae	2
82	<i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem. & Schult.	Rosa-do-deserto	Apocynaceae	5
83	<i>Allamanda blanchetii</i> A. D. C.	Alamanda-roxa	Apocynaceae	1
84	<i>Allamanda catártica</i> Lam	Alamanda-amarela	Apocynaceae	1
85	<i>Catharanthus roseus</i> Lam G. Don	Vinca	Apocynaceae	3
86	<i>Cryptostegia grandiflora</i> R Br	Amanda-roxa	Apocynaceae	1
87	<i>Plumeria pudica</i> Jacq.	Jasmim-da- Venezuela	Apocynaceae	3
88	<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart. 'Campacta'	Jasmim-de-leite- anão	Apocynaceae	1
89	<i>Alocasia cucullata</i>	Inhame-chinês	Araceae	2
90	<i>Agave americana</i> Lam	Agave	Asparagaceae	2
91	<i>Dracaena marginata</i> Lam	Dracena-arco-íris	Asparagaceae	1
92	<i>Sansevieria masoniana</i>	Espada larga	Asparagaceae	3
93	<i>Sansevieria stuckyi</i>	Lança-de-são-	Asparagaceae	1

		Jorge		
94	<i>Sansevieria trifasciata</i>	Espadinha	Asparagaceae	1
95	<i>Sansevieria trifasciata</i> Var <i>laurentii</i>	Sansevieria	Asparagaceae	30
96	<i>Aloe vera</i> Lam	Babosa-medicinal	Asphodelaceae	2
97	<i>Begonia aconitifolia</i>	Begônia-metálica	Bigoniaceae	1
98	<i>Canistrum auruntiacum</i>	Cabeça-vermelha	Bromeliaceae	1
99	<i>Brasiliopuntia brasiliensis</i>	Urumbeba	Cactaceae	1
100	<i>Cereus peruvianus</i> var. <i>mosnstrosum</i>	Mandacaru- monstruoso	Cactaceae	1
101	<i>Opuntia microdasys</i>	Orelha-de-coelho	Cactaceae	1
102	<i>Pereskia bleo</i>	Ora-pro-nóbis	Cactaceae	2
103	<i>Pilosocereus gounellei</i>	Xique-xique	Cactaceae	2
104	<i>Tacinga inamoena</i>	Palmatória-miúda	Cactaceae	2
105	<i>Canna paniculata</i>	Cana-da-índia	Cannaceae	2
106	<i>Dianthus chinensis</i>	Cravina	Caryphyllaceae	1
107	<i>Clusia fluminensis</i>	Clúsia	Clusiaceae	2
108	<i>Tradescantia spathacea</i>	Abacaxi-roxo	Commelinaceae	2
109	<i>Costus spiralis</i>	Cana-de-macaco	Costaceae	1
110	<i>Crassula ovata</i>	Planta-jade	Crassulaceae	1
111	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i>	Calanchoê	Crassulaceae	1
112	<i>Kalanchoe fedtschenkoi</i>	Calancoê-fantasma	Crassulaceae	1
113	<i>Kalanchoe gastonis-bonnieri</i>	Planta-da-vida	Crassulaceae	2
114	<i>Acalypha wilkesiana</i>	Crista-de-peru	Euphorbiaceae	1
115	<i>Euphorbia lactea</i>	Candelabro	Euphorbiaceae	2
116	<i>Euphorbia milii</i>	Coroa-de-cristo	Euphorbiaceae	3
117	<i>Euphorbia milii</i> var <i>hislopii</i>	Coroa-de-cristo	Euphorbiaceae	1
118	<i>Euphorbia trigona</i>	Candelabro	Euphorbiaceae	1
119	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> Lam	Sapatinho-do- diabo	Euphorbiaceae	20
120	<i>Hibiscus rosa- sinensis</i> Lam 'Cooperii'	Hibisco	Malvaceae	2
121	<i>Goeppertia majestica</i>	Maranta-riscada	Marantaceae	1
122	<i>Mirabilis jalapa</i> Lam	Maravilha	Nyctaginaceae	1
123	<i>Breynia disticha</i>	Mil-cores	Phyllanthaceae	1
124	<i>Plumbago auriculata</i> Lam	Jasmim-azul	Plumbaginaceae	1
125	<i>Portulaca grandiflora</i>	Onze-horas	Portulacaceae	1
126	<i>Portulaca oleracea</i> Lam	Beldroega	Portulacaceae	1
127	<i>Rosa lucieae</i>	Roseira-trepadeira	Rosaceae	1
128	<i>Rosa grandiflora</i>	Roseira-gradiflora	Rosaceae	1
129	<i>Leucophyllum frutescens</i>	Chuva-de-prata	Scrophulariaceae	1
130	<i>Pereskia bahiensis</i> Gürke	Ora-pro-nóbis	Cactaceae	1

131	<i>Tacinga palmadora</i> (Brilton & Rose)	Palmatória	Cactaceae	1
132	<i>Stapelia hirsuta</i> Lam	Cacto-estrela	Apocynaceae	1
133	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain ‘Hahnii’	Espadinha	Apocynaceae	17
134	<i>Cereus jamacaru</i> DC, ‘Inerme’	Mandacaru-sem-espinho	Cactaceae	1
135	<i>Cereus repandus</i> Haw. ‘Monstruoso’	Cacto-maçã-monstruoso	Cactaceae	1
136	<i>Cereus spegazzinii</i> F. A. C. Weber	Cacto-cristato-monstruoso	Cactaceae	2
137	<i>Kalanchoe daigremontiana</i>	Mãe-de-milhares	Crassulaceae	1
138	<i>Monadenium ‘ritchiei’</i>	Medusa	Euphorbiaceae	1
139	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> Lam	Dois-amores	Euphorbiaceae	1
140	<i>Aloe congolensis</i>	Babosa-dente-de-tigre	Xanthorrhoeaceae	1
141	<i>Haworthia limifolia</i>	Planta-zebra	Xanthorrhoeaceae	1
142	<i>Aptenia cordifolia</i> Lam	Rosinha do sol	Aizoaceae	2
143	<i>Colocasia gigantea</i>	Orelha-de-elefante	Araceae	1
144	<i>Neomarica caerulea</i>	Falso íris	Iridaceae	2
145	<i>Phalaenopsis x hybridus</i>	Falenopse	Orchidaceae	2
146	<i>Areca triandra</i>	Areca	Arecaceae	3
147	<i>Philodendron brasiliense</i>	Guaimbê-do-brejo	Araceae	1
148	<i>Impatiens balsamina</i>	Não-me-toques	Balsaminaceae	1
149	<i>Melocactus zehntneri</i>	Cabeça-de-frade	Cactaceae	2
150	<i>Hylocereus setaceus</i>	Rainha-da-noite	Cactaceae	1
151	<i>Datura metel</i>	Saia-de-viúva	Solanaceae	1
152	<i>Sphagneticola trilobata</i>	Margaridão	Asteraceae	1
153	<i>Annona squamosa</i> Lam	Pinha	Annonaceae	3
154	<i>Jatropha gossypifolia</i> Lam	Pinhão roxo	Euphorbiaceae	2
155	<i>Codiaeum variegatum</i>	Croton brasileiro	Euphorbiaceae	1
156	<i>Lagerstroemia indica</i> Lam	Roscendência	Lythraceae	1
157	<i>Pilosocereus pentaedrophorus</i>	Manfacaru-azul	Cactaceae	2
158	<i>Stapelia gigantea</i> pallida	Etapélia	Asclepiadaceae	2
159	<i>Echinopsis x chamaecereus</i>	Cacto-amadoim	Cactaceae	1
160	<i>Cereus spp</i>	Mandacaru	Cactaceae	1
161	<i>Mammillaria scheideana</i> subsp. <i>Gisela</i>	Mamilária bisnaguinha	Cactaceae	1
162	<i>Mammillaria voburnensis</i>	Mamilária	Cactaceae	1
163	<i>Echinopsis oxygona</i>	Cacto lírio	Cactaceae	1

164	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru	Cactaceae	1
165	<i>Philodendron imbe</i>	Mini-imbé	Araceae	1
166	<i>Aechmea aquilega</i>	Grabatá	Bromeliaceae	1
167	<i>Hylocereus undatus</i>	Rainha-da-noite	Cactaceae	1
168	<i>Jasminum sambac</i>	Jasmim árabe	Oleaceae	1
169	<i>Coleus sp</i>	Boldo	Lamiaceae	1
170	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim indiano	Meliaceae	1
171	<i>Hippeastrum hybridum</i>	Amarílis	Amaryllidaceae	5
172	<i>Caladium bicolor</i>	Caládio	Araceae	2
173	<i>Sedeveria hort</i> Harr 'Butterfield'	Super-rabo-de-burro	Crassulaceae	2
174	<i>Mammillaria elangata</i>	Dedo-de-dema	Cactaceae	1
175	<i>Kalanchoe x houghtonii</i>	Mãe-de-milhares	Crassulaceae	1
176	<i>Rosa pendulina</i>	Rosa pendulina	Rosaceae	1
177	<i>Capsicum annuum</i>	Pimenta caiena	Solanaceae	1
178	<i>Rosa odorata</i>	Roseira	Rosaceae	1
179	<i>Clerodendrum thomsaniae</i>	Lagrima-de-cristo	Lamiaceae	1
180	<i>Rosa semperviens</i>	Roseira-branca	Roseira	1
181	<i>Capsicum frutescens</i>	Pimenta-malagueta	Solanaceae	1
182	<i>Austrocylindropuntia subulata</i>	Cacto-alfinete	Cactaceae	2
183	<i>Kalanchoe houghtonii</i>	Kalandia	Crassulaceae	1
184	<i>Euphorbia lactea</i>	Candelabro	Euphorbiaceae	1
185	<i>Dendrobium speciosum</i>	Orquídea-de-rocha	Orchidaceae	1
186	<i>Caladium humboldtii</i>	Caladium-coração-de-criança	Araceae	1
187	<i>Aechmea gamossépala</i> 'Lucky Stripes'	Bromélia Luckt Stripes	Bromeliaceae	2
188	<i>Tradescantia spathacea</i>	Abacaxi-roso	Commelinaceae	2
189	<i>Ananas bracteatus</i>	Abacaxi-ornamental	Bromeliaceae	4
190	<i>Dahlia pinnata</i>	Dália	Asteraceae	1
191	<i>Tillandsia strica</i>	Cravo-do-mato	Bromeliaceae	1
192	<i>Plectranthus neochilus</i>	Boldo-chinês	Lamiaceae	1
193	<i>Curcuma zedoaria</i>	Açafrão-da-terra	Zingiberaceae	1
194	<i>Callisia repens</i>	Dinheiro-em-penca	Commelinaceae	2
195	<i>Crysothemis pulchella</i>	Begônia negra	Gesneriaceae	2
196	<i>Xiphidium caeruleum</i>	Xiphidium	Haemodoraceae	1
197	<i>Peperomia serpens</i>	Peperômia pendentes	Peperaceae	1

198	<i>Alternanthera ficoidea</i>	Apaga-fogo	Amaranthaceae	1
199	<i>Cyanotis somoleinsis</i>	Orelha-de-bichano	Commelinaceae	1
200	<i>Leea guineensis</i>	Léia-verde	Vitaceae	1
201	<i>Dysphonia ambrosioides</i>	Mastruz	Amaranthaceae	2
202	<i>Graptosedum</i> 'Francesco baldi'	Suculenta-rosa-de-pedra	Crassulaceae	2
203	<i>Pseuderanthemum carruthesii</i>	Pseuderanthemum	Acanthaceae	1
204	<i>Chrysanthemum morifolium</i>	Crisântemo	Asteraceae	1

Fonte: Autoria própria.

A análise dos dados revela uma ampla diversidade de plantas na área destinada ao jardim, totalizando 368 indivíduos, classificados em 56 famílias botânicas, onde algumas se destacam pela quantidade de espécies registradas. A predominância de algumas famílias indica sua popularidade na região onde foram coletadas, bem como, uma maior adaptabilidade ao ambiente ao qual foram implantadas.

Famílias como Asparagaceae, Cactaceae e Araceae apresentam não apenas uma alta diversidade de espécies, mas também um elevado número de indivíduos, sendo a primeira contendo uma quantidade de 43, a segunda 34 e a terceira 33. A família Araceae tem representantes como Jiboias (*Epipremnum aureum*), Comigo-ninguem-pode (*Dieffenbachia amoena*) e Tinhorão (*Caladium bicolor*) e Asparagaceae, que inclui Dracenas Espada de São Jorge, (*Sansevierias*) espécies amplamente utilizadas em paisagismo, por serem de fácil cultivo, viverem em ambientes sombreados, solo rico em matéria orgânica e com regas regulares.

Além delas, outras famílias como Cactaceae (cactos) e Crassulaceae (suculentas) aparecem com frequência em um total de 18 indivíduos, pois são espécies diversas, que exigem poucos tratos culturais e se propagam com facilidade. Já as Lamiaceae ervas aromáticas e ornamentais, são bastantes usadas no paisagismo por possuírem uma vasta diversidade de flores e cheiros agradáveis. Sendo a família com a menor quantidade de espécies, foram catalogadas apenas 6 e com um total de 9 indivíduos (tabela 1).

Para as Euphorbiaceae como a coroa-de-cristo (*Euphorbia milli*) e o candelabro (*Euphorbia trigona*), foram contabilizados 34 indivíduos nessa família, isso por serem eficazes na construção de cercas vivas, pois não apenas delimitam espaços, mas também atuam como uma barreira natural contra intrusos, tanto humanos quanto animais. Além disso, as plantas possuem uma grande resistência a condições adversas, como a seca, o que as tornam ideal para ambientes semiáridos, onde a disponibilidade de água é limitada. Assim, as

Euphorbiaceae não apenas embelezam o ambiente, mas também desempenham um papel funcional e protetor no espaço.

As Commelinaceae desempenham um papel modesto, representando uma das famílias com menor número de espécies (7) e um total de 17 indivíduos. Apesar de não estarem entre os mais predominantes, sua presença indica uma diversidade relevante dentro do grupo estudado. Comparadas às famílias como Cactaceae e Asparagaceae, que apresentam números mais expressivos, as Commelinaceae ainda são valiosas para a composição geral da flora jardim, evidenciando a sua importância na contribuição do enriquecimento paisagístico e do equilíbrio ambiental.

Tabela-1 Famílias botânicas, diversidade de Espécies e Indivíduos

Família	Número de Espécies	Número de indivíduos
Cactaceae	12	34
Araceae	11	33
Asparagaceae	10	43
Crassulaceae	8	18
Euphorbiaceae	7	34
Commelinaceae	7	17
Lamiaceae	6	9

Fonte: A autoria própria.

Algumas espécies têm um maior número de indivíduos registrados, como, *Sansevieria trifasciata* Var. *laurentii* (Espadinha) 30 indivíduos; *Pedilanthus tithymaloides* (Sapatinho-do-diabo) 20; *Bougainvillea glabra* 'Graciliflora' (Buganville) 18; *Sansevieria trifasciata* Prain (Espadinha) 17; *Ixora coccinea* e *Ixora coccinea* 'Compacta' 11 indivíduos cada; *Epipremnum aureum* 'Aureum' (Jiboia-dourada) 9. Isso pode indicar sua fácil propagação, resistência e, obviamente, preferência estética.

A presença de diversas espécies ornamentais e adaptadas a diferentes condições sugere um equilíbrio ambiental no jardim onde espécies como *Bougainvillea spectabilis* (Buganville), *Ixora coccinea*, *Rosa grandiflora* *Sansevieria trifasciata* e *Zamioculcas zamiifolia* que são rústica e exigem reduzida manutenção, convivem de forma harmônica com orquídeas (planta mais sensíveis, e cujas espécies são mais adaptadas a regiões frias e com umidade mais elevada). Isso ocorre devido às plantas maiores sombrearem a área e criarem um microclima favorável ao sistema ali consorciado.

Algumas das espécies listadas pertencem a famílias que incluem plantas utilizadas para fins medicinais ou aromáticos, *Zingiberaceae* (gengibre, cúrcuma), *Aloe vera* (Babosa) - tratamentos de pele e cosméticos; *Curcuma longa* (Açafrão) e *Zingiber officinale* (Gengibre) - Temperos e fitoterápicos; *Psidium guajava* (Goiabeira) e *Punica granatum* (Romã) - Frutíferas; *Euphorbia tirucalli* (Avelós) - usada na medicina popular. Isso sugere um interesse na utilização dessas plantas muito além do aspecto ornamental.

Esses dados evidenciam a diversidade vegetal, com presença significativa de plantas ornamentais, alimentícias e medicinais, sejam elas nativas ou exóticas. A predominância de algumas espécies indica uma seleção influenciada pelo paisagismo ou por características ecológicas do local. A presença de muitos exemplares de fácil propagação também sugere uma dinâmica de expansão natural ou cultivo planejado.

Segundo Zenni e Ziller (2011), as plantas exóticas ocorrem no Brasil desde o século XVIII, quando gramíneas africanas começaram a ser registradas em pastagens perto do rio de Janeiro. No início do século XIX, dois decretos reais (julho de 1809 e julho de 1810) ofereceram subsídios e isenção de impostos a todos que introduziram plantas de valor econômico. Atualmente, existem 117 espécies de plantas reconhecidas como invasoras ou estabelecidas e como potencial invasor no Brasil e um número desconhecido de espécies de plantas introduzidas.

5 CONCLUSÕES

O relato sobre a vivência em um jardim agroecológico ilustra de maneira prática como é possível promover a sustentabilidade, a diversidade biológica e o manejo responsável dos recursos naturais. Esse método de cultivo vai além da simples produção de alimentos; ele integra diferentes espécies em um sistema dinâmico e equilibrado, configurando-se como uma alternativa viável para aqueles que desejam transformar seus jardins em ambientes produtivos e regenerativos.

Ao adotar princípios agroecológicos, amplia-se a percepção sobre a interconexão entre os seres vivos e os processos naturais, fortalecendo uma visão integral do mundo. A agroecologia não se limita às práticas agrícolas; ela representa uma transformação conceitual que valoriza o respeito aos ciclos naturais e o conhecimento tradicional, ambos fundamentais para a construção de um futuro mais sustentável.

A criação de um jardim doméstico, portanto, transcende a estética, trazendo benefícios significativos para o bem-estar, o meio ambiente e a biodiversidade. Em um mundo cada vez mais urbanizado, esses espaços se tornam verdadeiros refúgios ecológicos e terapêuticos. A escolha das plantas deve levar em conta fatores como luz, clima e espaço disponível, permitindo a inclusão de espécies ornamentais, ervas medicinais e pequenas culturas alimentares.

Métodos inovadores, como jardins verticais e vasos suspensos, possibilitam o cultivo em áreas limitadas, tornando a jardinagem acessível a todos. Além de reduzir a ansiedade e promover o relaxamento, a prática da jardinagem sustentável, que inclui técnicas como compostagem e reaproveitamento de água, contribui para a preservação do meio ambiente. Pequenos jardins também desempenham um papel crucial na preservação da biodiversidade, atraindo polinizadores essenciais para o equilíbrio dos ecossistemas.

Assim, investir em áreas verdes no ambiente doméstico não é apenas uma estratégia acessível para melhorar a qualidade de vida, mas também uma forma eficaz de promover o bem-estar e a harmonia com a natureza. Ao cultivar um jardim, estamos, na verdade, cultivando um futuro mais sustentável e interconectado.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. DE; TERRA, C. A historiography on the gardens of Brazil. **Ornamental Horticultura**. Campinas-SP | v. 22, n. 1, 2016, p. 7-19. Disponível em: <https://ornamentalhorticulture.com.br/rbho/article/view/879>. Acessado em: 23 jan. 2024.
- ALENCAR, L. D.; CARDOSO, J. C. Paisagismo Funcional: O uso de projetos que integram mais que ornamentação. **Revista Ciência, Tecnologia & Ambiente**, Araras, São Paulo, v. 1, n. 1, p.1-7, 2015. Disponível em: <https://www.revistacta.ufscar.br/index.php/revistacta/article/view/4/3>. Acesso em: 29 jun. 2025
- ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, p. 592, 2002
- ARAÚJO, J. T. de. **Pegada hídrica e condições socioeconômicas, tecnológicas e ambientais das comunidades do entorno da área de preservação permanente de São Gonçalo, Sousa-Paraíba**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 202. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/7241/JÂNIO%20TRAJANO%20DE%20ARAÚJO.%20MONOGRAFIA%20CIÊNCIAS%20BIOLÓGICAS.%20CFP%202015.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan 2025.
- BATISTA, F. R. DA COSTA.; ALMEIDA, E. M. DE.; ALVES, L. I. F.; SILVA, P. K. DA.; NEVES, J. A. DE L.; FREITAS, J. G. **Cactário Guimarães Duque: Espécies da Coleção Botânica do INSA**. V.1. Campina Grande -PB: INSA, 2018.
- BRINGSLIMARK, T., HARTIG, T., PATIL, G. G. The psychological benefits of indoor plants: A critical review of the experimental literature. **Journal of Environmental Psychology**. v. 2, Ed, 4, p. 422-433, 2009. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494409000413>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- DE ANGELIS, B. L. D. **A praça no contexto das cidades o caso de Maringá** - PR. 2000. 367f. Tese (Doutorado em Geografia Humana - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001078655>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- FAGERHOLM, N., OTERO - ROZAS, E., RAYMOND, C.M, TORRALBA, M., MORENO, G., & PLIENINGER, T. (2016). Avaliação das Ligações entre os Serviços Ecossistêmicos, uso da Terra e Bem-Estar em uma Paisagem Agroflorestal usando SIG de Participação Pública. **Geografia Aplicada**. V. 74, P.30 - 46. <https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2016.06.007>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0143622816301473> Acesso em: 26 jan. 2025.
- GENGO, R.C.; HENKES, J.A. A utilização do paisagismo como ferramenta na preservação e melhoria ambiental em área urbana. **Gestão & Sustentabilidade Ambiental**. v.1, n. 2 p. 55 –81, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318219913_A_utilizacao_do_paisagismo_como_ferramenta_na_preservacao_e_melhoria_ambiental_em_area_urbana. Acesso em 30 jan. 2025.

GIL, J.D.B.; REIDSMA, P.; GILLER, K.; TODMAN, L.; WHITMORE, A.; ITTERSUM, M. V. Objetivo de desenvolvimento sustentável 2: Metas e indicadores aprimorados para agricultura e segurança alimentar. **Ambio**. v.48, p. 685–698, 2019. <https://doi.org/10.1007/s13280-018-1101-4>.

LIMBERGER, L. R. L.; SANTOS, N. R. Z. **Caderno Didático Paisagismo** 1. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, mar. 2000. 63 p.

LINS, A. C.; COSTA NETO, E. E M. O que as plantas nos ensinam? Algumas considerações sobre a relação entre os seres humanos e o reino vegetal. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**. v. 08, n. 02, P. 100-125, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/wande/Downloads/6+Ana+Eraldo.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2025

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, v. 1, n. 1 Jan/Jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/viewFile/157/185>. Acesso em: 17 jan. 2025.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. DE. **Plantas ornamentais no Brasil; arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 4.ed. Nova odessa, SP. Instituto plantarum, 2008.

LORENZI, H. OLSTHOORN, G.; COSTA, C. **Cactos e outras suculentas: para decoração**. 1.ed. Nova odessa, SP. Jardim Botânico Plantarum, 2019.

LORENZI, H. **Plantas para jardim no Brasil: herbáceas, trepadeiras e arbustivas**. 3.ed. Nova odessa, SP. Jardim Botânico Plantarum, 2022.

LORENZI, H.; TAVARES, U.; LACERDA, M.; ACOSTA, D. **Casa verde: plantas para interior**. 1. ed. Nova odessa, SP. Jardim Botânico Plantarum, 2022.

MARSCHALL, C.; CARDOSO, S. M. M. Análise histórica e paisagística sobre as características e a evolução dos jardins. **Revista Thêma et Scientia** – v. 11, n. 2, 2021 – Edição Especial Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <https://www2.fag.edu.br/professores/arquiteturaeurbanismo/TC%20CAUFAG/TC2017.2/63.%20CAMILA%20MARSCHALL/Artigo.pdf>. Acesso em 16 jan. 2025.

MURTA, P. C. **Paisagismo: aproximação do homem com a natureza**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k216520.pdf. Acesso em 16 jan. 2025.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**. ISSN 2178-2679. v.17, n.48, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: em 28 jan. 2025.

MULLER, A. N. **Arquitetura da paisagem: biodiversidade no paisagismo produtivo como meio sustentável em corredores ecológicos urbanos**. Seminário Internacional de Investimentos em Urbanismo. Lisboa. N.12. 2020. Disponível em: <https://revistes.upc.edu/index.php/SIIU/article/view/10014>. Acesso em: em 28 jan. 2025.

PEREIRA, M. I. C. **Território de ocupação das áreas do perímetro irrigado de São Gonçalo no município de Sousa/Pb**. 2021.44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação

em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2021. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/24367>. Acesso em 28 jan. 2025.

PEREIRA, A. M.; COIMBRA, S. Avanços na reprodução das plantas: dos gametas às sementes. **Journal of Experimental Botany**, v. 70, n. 11 pp. 2933–2936, 2019
doi:10.1093/jxb/erz227. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6568198/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

REIS FILHO, N. G. **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/ 1720)**. São Paulo: EDUSP, 1968. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000720960>. Acesso em: 17 jan. 2025.

ROMAHN, V. **Enciclopédia Ilustrada 2200 Plantas e Flores. Suculentas e Cactos aquáticos e samambaias**, v.5, n. 2. São Paulo, SP. Editora Europa, 2007.

SARAIVA, R. V. C. Paisagismo Brasileiro Revisitado. In **Ciência Hoje**, v. 56, n. 332, p. 50-51. 2015. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/298070536_Paisagismo_Brasileiro_Revisitado. Acesso em: 27 jan. 2025.

SCHERER, C. L.; FERREIRA, A. E. DE M. A importância dos espaços verdes nas urbes e suas funcionalidades socioeconômicas e ambientais. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu**, v. 1, n.6, p. 1-12, 2024. Disponível em:
<file:///C:/Users/wande/Downloads/7602.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2025.

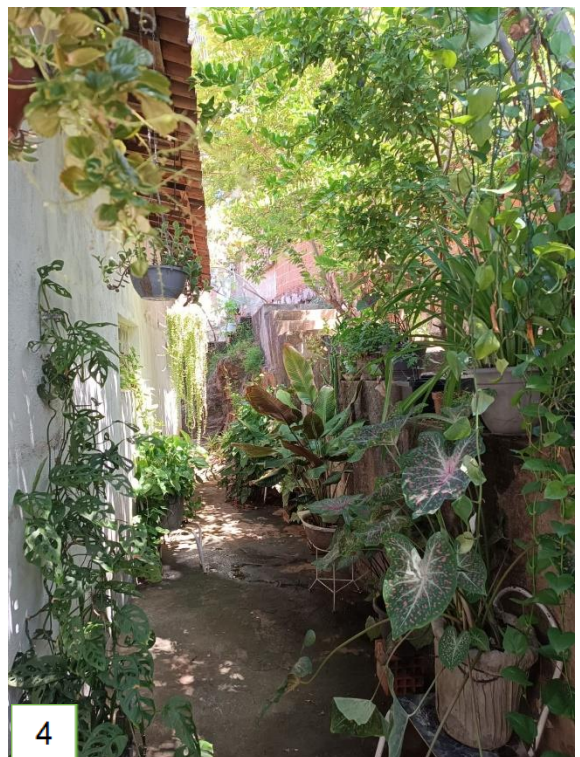
STRINGHETA, A. C. O.; COELHO, L. L. **Plantas ornamentais e paisagismo: a história da arte dos jardins**. Viçosa, MG : Ed. UFV, 2014. 25p. Disponível em:
https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFV_0fc3319310547a21d9d214e2deea7eb3. Acesso em: 17 jan. 2025.

STRINGHETA; A. C. O.; COELHO; L. L. **Plantas ornamentais e paisagismo: a história da arte dos jardins**. Viçosa, MG : Ed. UFV, 2014.

VILLALTA, D. Criatividade como uma dádiva do reino vegetal. **Revista Scientiarum Historia**, v. 1, n. 1, p. 8, 6 nov. 2017. Disponível em:
<http://146.164.248.81/revistas/index.php/RevistaSH/article/view/166>. Acesso em: 18 jan. 2025.

ZENNI, R. D.; ZILLER, S. R. An overview of invasive plants in Brazil. **Revista Brasil. Bot.**, v.34, n.3, p.431-446, 2011. Disponível em:
www.institutohorus.org.br/download/artigos/2011_Zenni_Ziller_An_overview_Brazil.pdf. Acesso em: 18 jan. 2025.

ANEXOS – ÁREA DO JARDIM E ALGUMAS PLANTAS LISTADAS



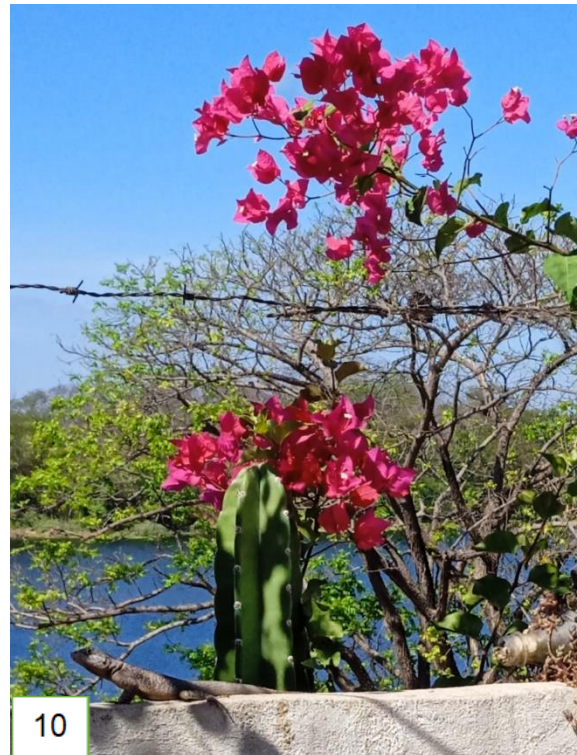
1 e 2 - Início do jardim; 3 - Uso de calça como alternativa de vaso; 4 - Área lateral do jardim.



5 - Floração da pitaya; 6 - Cacto Mandacaru; 7 e 8 - Cultivo de plantas em vasos feito com toalhas.



9



10



11




12

9 - Espada de São Jorge em vaso de cimento; 10 - Vista do jardim para o açude de São Gonçalo; 11 - Reaproveitamento de madeiras para suporte de vasos; 12 - Produção de vasos de cimento feito com luvas.



13 - Reutilização de cano PVC para confecção de vasos; 14 - Vasos artesanais de cimento.

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Sousa - Código INEP: 25018027
	Av. Pres. Tancredo Neves, S/N, Jardim Sorrilândia III, CEP 58805-345, Sousa (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0004-18 - Telefone: None

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

Entrega TCC

Assunto:	Entrega TCC
Assinado por:	Mirtes Alves
Tipo do Documento:	Processo
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Mirtes Leite de Lima Alves, DISCENTE (202128710014) DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA - SOUSA, em 02/04/2025 22:30:43.

Este documento foi armazenado no SUAP em 02/04/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1445900
Código de Autenticação: 44aa7f6127

